

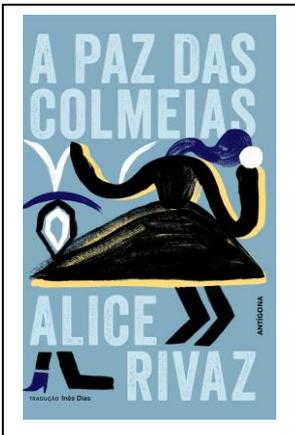
[A paz das colmeias] [Alice Rivaz]

[Alice Rivaz] Biografia:



Alice Rivaz (1901-1998), escritora e jornalista, é uma das figuras mais destacadas da literatura suíça do século XX. Na sua longa vida, dividiu-se entre a função de estenógrafa na Organização Internacional do Trabalho e a pintura, a música e a urgência da escrita. Disse sempre ter vivido sob o signo da separação: num país à margem da História, onde, em nome da independência, recusou credos, o casamento e a maternidade. Adoptou o apelido da mãe ao firmar-se como autora atenta a questões políticas e sociais, tabu na produção literária feminina da época: a defesa dos marginalizados, a representatividade das mulheres nas artes e nas letras, o sufrágio feminino. A par de uma fértil correspondência, publicou ensaios, novelas e romances, entre os quais *Nuages dans la main* (Prémio Schiller, 1942) e *Jette ton pain* (1979).

Sinopse de [A paz das colmeias]



O diário de uma mulher em busca de emancipação e uma reflexão desassomburada sobre os mecanismos de dominação masculina e as relações entre os sexos. Uma obra que antecipou os grandes debates do feminismo moderno.

Em 1947, dois anos antes d'O Segundo Sexo, de Simone de Beauvoir, um breve romance invadia os escaparates das livrarias e fazia correr rios de tinta na imprensa suíça. A PAZ DAS COLMEIAS é o diário secreto de uma mulher em busca de emancipação e uma viagem ao centro da desilusão conjugal de Jeanne Bornand, dactilógrafa de meia-idade numa encruzilhada da vida. Neste caderno inconformado sobre a condição feminina, alimentado pela raiva perante o desconcerto do mundo, não escapam à protagonista as diferenças inconciliáveis entre os sexos, a insatisfação das mulheres com espartilhos sociais e subalternizações várias. Contrapondo a imagem das colmeias a uma sociedade violenta regida por homens, Alice Rivaz assina, num estilo vivo e cativante, uma obra precursora e surpreendentemente actual sobre os eternos mecanismos da dominação masculina.

Em “A Paz das Colmeias” de Alice Rivaz, as palavras antes de serem

por [Sylvie Tanette](#) / Les Inrockuptibles

Publicado em 24 de novembro de 2022 às 18h01.

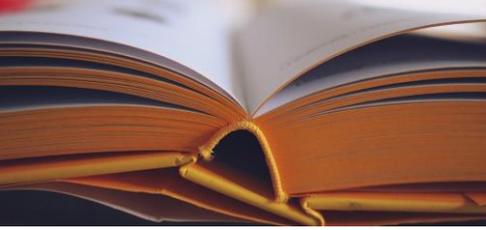
Atualizado em 24 de novembro de 2022 às 18h03.



Ilustração da capa de “La Paix des ruches” de Alice Rivaz, publicada pela Zoé

Um romance de 1947 já levantava todas as questões feministas. Elogiado por Mona Chollet, autora do prefácio, “La Paix des ruches”, de Alice Rivaz, é uma leitura urgente.

Sobrecarga mental, assédio nas ruas, jornadas duplas, *mansplaining*. Neste romance publicado em 1947, a autora suíça Alice Rivaz parece ter identificado muitas das questões que nos preocupam hoje. [As edições Zoé](#) tiveram a boa ideia de oferecer uma nova edição com prefácio de Mona Chollet.



A narradora — Jeanne, uma secretária — percebe que não ama mais o marido, e sua desilusão a leva a refletir sobre os relacionamentos entre homens e mulheres. Observando sua vida e a de suas amigas, ela dissecou o funcionamento do patriarcado e revela as injustiças impostas às mulheres. O que chama a atenção em suas primeiras palavras é sua raiva. *"Tudo já está lá, todas essas noções para as quais as feministas mais tarde tiveram que inventar termos"*, enfatiza [Mona Chollet](#). A autora de [Reinventing Love: How Patriarchy Sabotages Heterosexual Relationships](#) observa em particular o que a narradora diz sobre o casal: *"Eu me identifico completamente com a mistura de acuidade implacável e esperança teimosa que Jeanne demonstra."*

Assim como os temas explorados, o humor explosivo de Alice Rivaz torna este livro particularmente moderno. É preciso ler a sua descrição dos colegas de escritório extremamente flertadores e as reflexões sobre suas personagens femininas. *"Às vezes me pergunto: o que temos a ver com esses loucos?"*, pergunta a narradora. E uma jovem vizinha lamenta, sobre os homens: *"Onde você imagina que há algo, geralmente não há nada. Sim, acredite em mim. [...] Meu marido não estava pensando em nada, ou talvez numa gravata, numa caixa de fósforos."*

***A Paz das Colmeias*, de Alice Rivaz. Prefácio de Mona Chollet (Zoé), 144 p., €16**

120 anos após seu nascimento

Cinco razões para ler ou reler Alice Rivaz

A autora, que cresceu em Clarens, deixou uma obra literária e feminista. Uma exposição em Lausanne e uma edição de "A Quinta Estação" são exemplos disso.

[Carolina Rieder](#) / 24 Culture

Publicado: 07/07/2021, 16h50



Alice Rivaz, de Vaud, viveu no século XX^e deixou uma importante obra literária.

Fundação Alice Rivaz

Alice Rivaz A autora de Vaud (Suíça), nascida em 1901 em Rovray, perto de Yvonand, deixou uma obra feminista de qualidade literária indiscutível, marcada pelo século XX

que viveu até 1998. No entanto, os editores da revista "La Cinquante Saison" quiseram apresentar Alice Rivaz à geração mais jovem na sua edição mais recente.

Pois, entre os escritores colaboradores, há um que admite ter lido apenas em 2020 aquele que recebeu o Prêmio Schiller em 1942 e o Prêmio Ramuz em 1980. "Eu sei, é muito tarde para descobrir [uma grande autora feminista](#) do meu país.

Esta será uma forma de pedir desculpas: desde então, "La paix des ruches" está na mesa de cabeceira de muitos amigos", implora Joséphine de Weck, de 30 anos, que assinou o notável "Embaixador da marca" (L'Âge d'homme, 2019).

Reconhecida ainda em vida na França, Alice Rivaz publicou obras com Gallimard, Julliard e José Corti. No entanto, parece que ela está amplamente esquecida por lá hoje. No entanto, por ocasião da publicação de "Comme le sable" em italiano em 2020, a revista "[EsteticaMente](#)" colocou sua autora entre os dez maiores escritores da literatura europeia do século passado. Uma autora traduzida para o alemão, mas que ainda precisa ser traduzida para o inglês...

Para celebrar o 120º aniversário de seu nascimento e o 50º aniversário do direito ao voto feminino, uma exposição na Biblioteca Cantonal e Universitária de Riponne (BCU) relembra seu papel pioneiro e a natureza essencial da obra da mulher que inicialmente queria se tornar pianista, mas abandonou o virtuosismo porque suas mãos eram muito pequenas. Aqui, em cinco motivos e cinco livros, você encontra os motivos pelos quais você absolutamente precisa lê-la.

1. Infância valdense



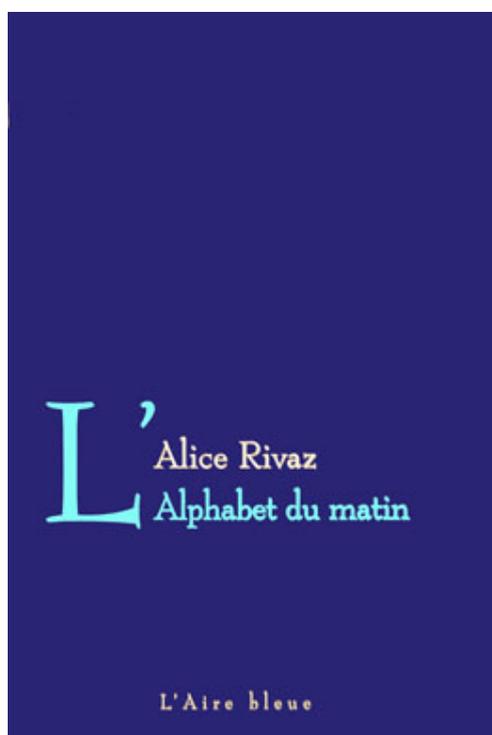
Alice Rivaz com sua mãe Ida Etter e seu pai Paul Golay.
Fundação Alice Rivaz

Nascida em Rovray, Alice Rivaz cresceu em Clarens e depois em Lausanne. Ela é filha única de Paul Golay, um socialista ateu, e Ida Etter, uma mulher "de testa muito reta e erguida" e devota. Ele era habilidoso com a caneta, e ela, uma contadora de histórias incansável.

Apesar das diferenças significativas entre seus pais, esse ambiente a moldaria de uma maneira extraordinária. Vemos isso em "O Alfabeto Matinal", observa Marianne Dyens, uma das curadoras da exposição montada em La Riponne.

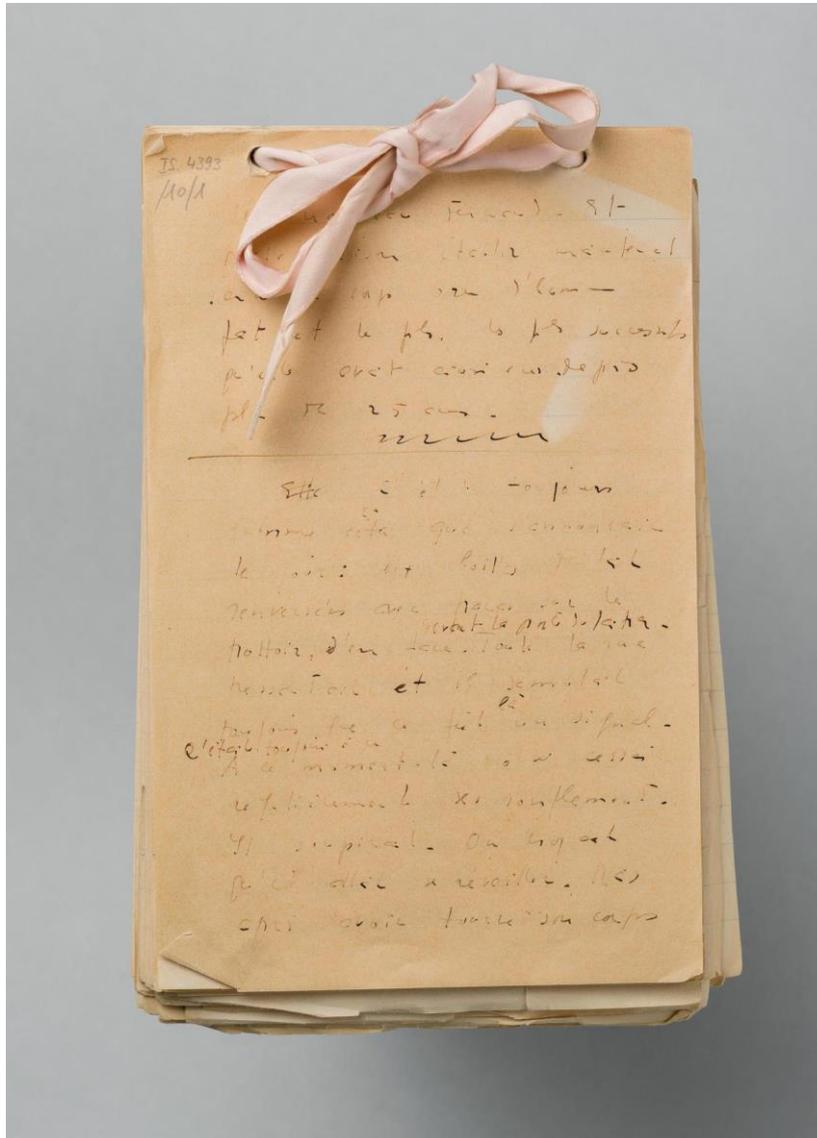
O livro, lançado em 1968 quando a autora já tinha 60 anos e que acaba de ser republicado pelas Éditions de l'Aire, vasculha as memórias ficcionais da infância em Clarens, entrelaça a história da família com a do século XX, navega entre o compromisso político do pai, nada fácil de conviver para esta "filha de um tinto", o amor possessivo da mãe e a descoberta da música.

Com a mesma atenção aos detalhes e humor que encontramos nos seus outros livros, ela olha para o passado com uma distância irônica: "As Ideias do Meu Pai eram uma nuvem na qual ele se envolvia e da qual desaparecíamos de seus olhos", e ainda: "No entanto, aconteceu que meu pai desceu de sua montanha para nos conhecer novamente, para ter certeza de que ainda existíamos".



"O Alfabeto da Manhã", Éd. de L'Aire, 358 p.

2. A fiança de Ramuz



O manuscrito de "Nuage dans la main" foi escrito em um bloco de taquigrafia. É o único manuscrito que temos de Alice Rivaz, pois ela redigitava seus textos e, como não tinha muito dinheiro, os digitava no verso.

Alice Rivaz Fundo BCU Lausanne

Alice Golay começou a escrever enquanto trabalhava como taquígrafa na Organização Internacional do Trabalho (OIT) em Genebra, para onde se mudou em 1925. Em 1939, quando a OIT se mudou para Montreal na época da declaração de guerra, ela se viu desempregada e concluiu seu primeiro romance, "Nuvem na Mão".

Ambientado em Genebra durante a Guerra Civil Espanhola, o romance apresenta protagonistas marcados por esse conflito, mesmo que distantes dele. Um romance comprometido, enraizado na história.

Corajosamente, ela enviou o manuscrito ao próprio Ramuz. A exposição em Lausanne demonstra a gentil resposta do mestre, graças à qual o manuscrito foi publicado pela Guilda do Livro em 1940, assinado Alice Rivaz, em homenagem tanto à sua mãe, que era da região, quanto a Ramuz.

Longe de apoiá-la, seus pais ficaram bastante constrangidos com essa reviravolta na vida da filha. Sua mãe temia o que as pessoas diriam, e seu pai acolheu friamente a ideia de uma foto da filha posando para a Associação de Livros, argumentando em uma carta de 1941 que seria "completamente ridículo ver, numa revista ou em qualquer outro lugar, uma fotografia do seu quarto, da sua mesa de trabalho..."



"Nuvem na mão", Ed. de L'Aire.



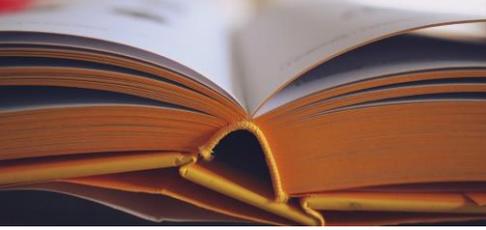
Independente graças ao seu trabalho, tendo escolhido permanecer solteira, Alice Rivaz também estava entre as pioneiras que dirigiam e possuíam seu próprio carro.

Fundação Alice Rivaz

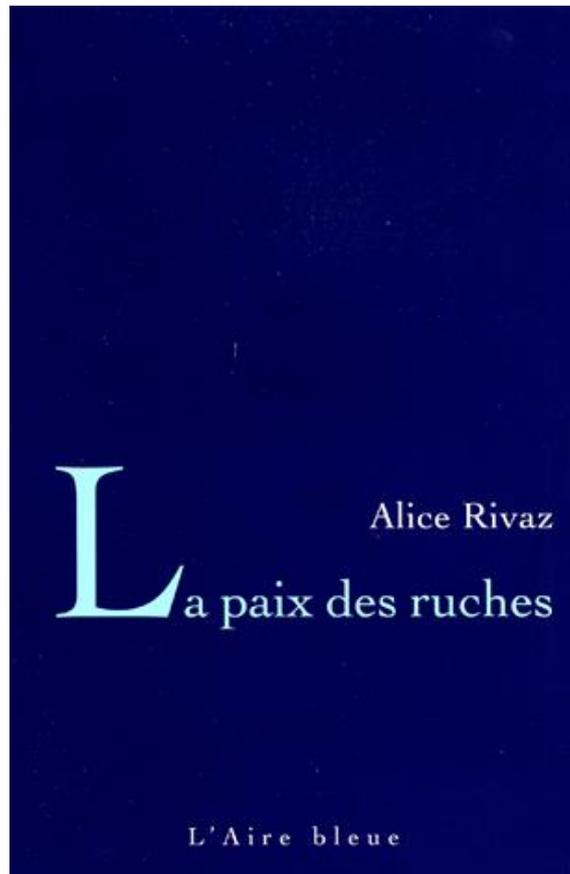
"A Paz das Colmeias" é o livro mais abertamente feminista de Alice Rivaz, e o desenvolvimento literário dessa questão já foi abordado no artigo "Presença das Mulheres", publicado em 1945. O romance foi publicado em 1947, dois anos antes de "O Segundo Sexo", de Simone de Beauvoir.

Com esta abertura devastadora: "Acho que não amo mais meu marido". A partir daí, este diário fictício de uma esposa derrotada dissecava com formidável precisão, e também humor, o poder do homem sobre a mulher. Daí esta passagem antológica em que ela explica que, por ter que se levantar para servir o marido, não tem mais tempo para comer, tanto que acaba colocando cada vez mais comida no prato do marido e cada vez menos no seu.

Além das anedotas, Alice Rivaz denuncia todo um sistema de pensamento que gira em torno do homem, mesmo antes de qualquer teorização sobre o assunto. Mas seu romance tem pouco impacto, porque a editora vai à falência e o romance chega cedo demais. Ramuz não o compreenderá, pois também admite, em carta apresentada à BCU, nunca ter refletido sobre essa questão.



O texto finalmente encontrou seu público quando foi publicado pela segunda vez em 1970. Embora sua autora não tenha feito campanha por movimentos feministas nas ruas (em 1970 ela já tinha 70 anos), ela incansavelmente destacou o quanto as mulheres eram invisíveis na sociedade e na mídia.



"A Paz das Colmeias", Ed. de l'Aire

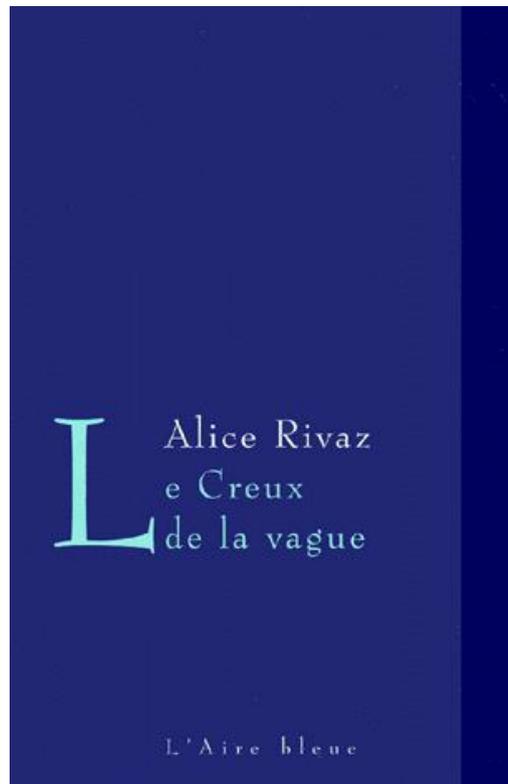
4. Romancista da história



Alice Rivaz viveu as duas guerras mundiais, mas também o período intermediário que ela evoca em "Le creux de la vague". Sequência de "Comme le sable" (1946), só foi publicado em 1967, porque Alice Rivaz não tinha mais tempo para escrever: ela havia retornado ao seu trabalho na OIT e precisava cuidar da mãe idosa, que morava em casa.

Ambientado no frio abril de 1933 em Genebra, o romance evoca temas que lhe são caros, como o amor fantasiado e o papel das mulheres na vida de escritório, onde se encontram à mercê de sua vontade. Seus personagens estão imersos em suas preocupações pessoais, enquanto a instabilidade política, o fascismo e o antissemitismo ecoam em segundo plano.

Alice Rivaz se torna pesquisadora aqui para nos ajudar a compreender, por meio de diversas perspectivas, como aqueles anos foram vividos. O livro também aborda a questão da homossexualidade, um assunto tabu na época.



"O Fundo da Onda", Éd. de L'Aire

5. Estilista com a escrita proustiana

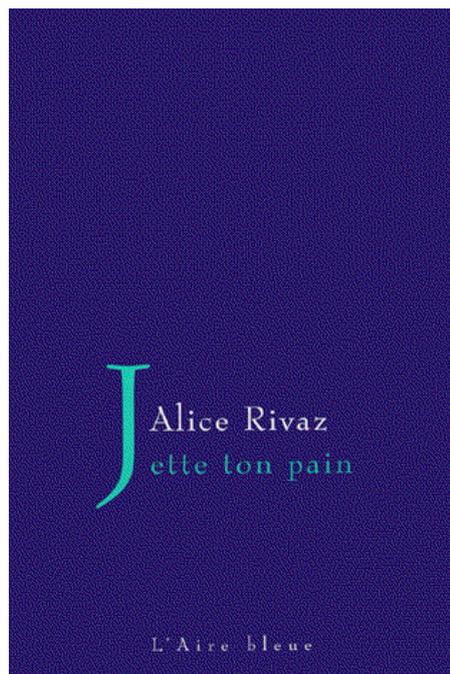
Alice Rivaz tinha um relacionamento próximo e conflituoso com a mãe. Em "Jette ton pain", um romance autoficcional maduro, unanimemente aclamado pela crítica como uma obra importante, em que a sua heroína se depara com a difícil tarefa de viver com uma mãe idosa e doente.

Uma mãe que sonha em retornar a Lausanne, enquanto sua filha não consegue imaginar deixar Genebra, projetando-se em um futuro onde ela possa finalmente se dedicar à escrita.

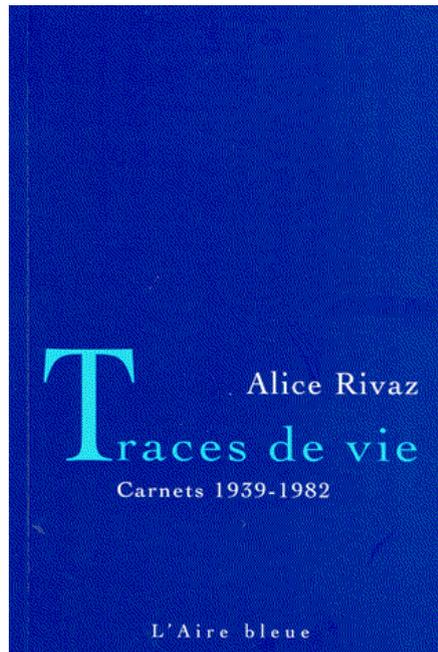
Durante noites sem dormir, as memórias vêm e vão aprofundando-se cada vez mais no sulco das memórias e desenterrando um novo detalhe sobre seus amores decepcionados, sua condição de mulher, de menina e, sempre, aqueles olhos fixos neste armário que contém seus preciosos manuscritos que ela espera retomar um dia. Virtuosa do discurso indireto livre, Alice Rivaz desdobra suas frases aqui, às vezes abrangendo mais de uma página. Uma linguagem que convida, envolve e prende.



Alice Rivaz (nome verdadeiro, Alice Golay) aqui com sua mãe Ida, com quem ela tinha um relacionamento tão próximo quanto conflituoso.

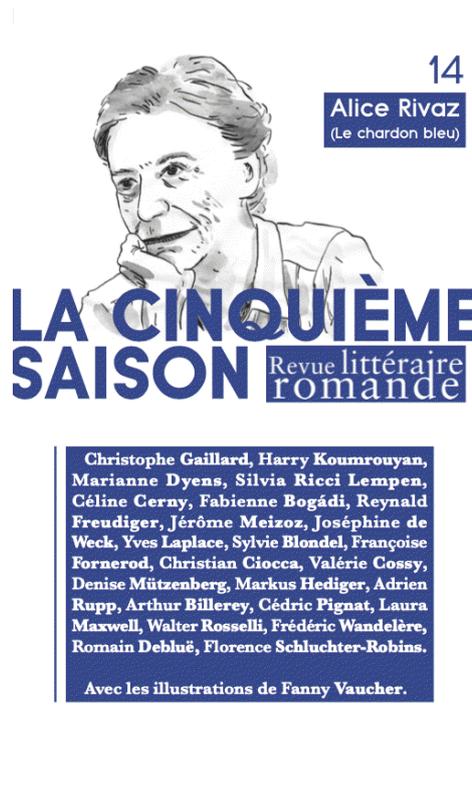


"Jogue fora o seu pão", Ed. de l'Aire



"Traços de Vida. Cadernos 1932-1982", Éd. de L'Aire, 457 p.

Neste volume, republicado no ano passado pelas Éditions de L'Aire após uma primeira publicação em 1983 pelas Éditions Bertil Galland, Alice Rivaz compartilha seus cadernos pessoais, aos quais faz alusão, por exemplo, em "Jette ton pain", que escolheu publicar nesta forma ainda viva. Lançando luz sobre a autora e seus escritos, o livro também é parte integrante de sua obra



A revista "La Cinquante Saison" lança uma edição especial sobre Alice Rivaz para celebrar o 120º aniversário de sua morte, com o objetivo de apresentar sua obra à geração mais jovem.

*Catorze leitores podem folhear livremente os seus romances, contos e cadernos.
Revista literária Romand "A Quinta Estação" n.º 14, especial Alice Rivaz, 165 p.*



*Republicado pela Zoé no ano passado, "Sem álcool" redescobre o talento de Alice Rivaz como contista.
"Sem álcool e outras histórias", republicado por Zoé Poche em 2020, 230 p.*

Alice Rivaz antecipou a defesa da condição da mulher

Valérie Cossy, professora da UNIL, dedicou um estudo detalhado e ilustrado à valdense (1901-1998), provavelmente a escritora de prosa francófona mais comprometida de sua geração.

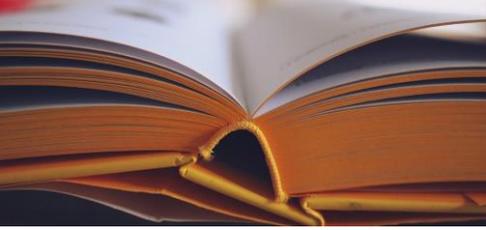
Gilbert Salem / TdG Cultura

Publicado: 24.08.2015, 10:42



Alice Rivaz na sua mesa de trabalho. Foto publicada no Bulletin de la Guilde du Livre, junho de 1941.

Ela morreu esbelta como um lírio aos 97 anos, com os olhos ainda um belo azul-pervinca, numa casa de repouso em Genthod, um enclave genebrino em seu cantão natal. Embora tenha nascido em Rovray, perto de Yverdon, Alice Rivaz viveu principalmente em Genebra desde sua contratação em 1924 como secretária na Organização Internacional do Trabalho (OIT). Quem leu seu romance "A Paz das Colmeias", publicado em Paris em 1947, sabe que sua defesa da condição feminina antecipou "O Segundo Sexo", de Simone de Beauvoir, que o mundo inteiro ainda considera a bíblia do feminismo.



Um livro que Rivaz certamente leria, pois era apaixonada por leitura moderna – pintura também, e música ainda mais. No entanto, segundo um ensaio muito detalhado que sua atenta leitora Valérie Cossy, da UNIL, acaba de lhe dedicar (Alice Rivaz, tornando-se romancista*), "ela está mais próxima de Virginia Woolf do que de Beauvoir". Da autora de *La promenade au phare*, ela teria herdado uma sensibilidade atenta às "percepções", à "evocação interior das personagens". A uma psicologia sensorial ampliada por Marcel Proust, outro dos autores favoritos de Alice Rivaz. Mas foi a Ramuz que ela dedicou sua admiração mais concreta. Porque ele reinventou a escrita "a partir da linguagem crua falada em certos círculos, nascida de uma certa experiência humana e social que não pode ser comunicada sem o recurso a essa linguagem".

Protagonistas quase caricatos

Alice Golay, seu verdadeiro nome, era filha única de Paul Golay, advogado, professor e ativista que aderiu às ideias políticas e humanistas de Jean Jaurès. Ele nunca a catequizou, mas ela permaneceu sensível à sua ideologia, sem aderir abertamente a ela. Mais tarde, adotando o sobrenome Rivaz, a fim de dissociar sua vocação literária de seu trabalho como funcionária pública na OIT, ela lamentou a morte de seu pai diabólico. Com elegância e franqueza incomum, tão vívida, tão atual: "O corpo de meu pai foi entregue às chamas anos atrás. Mas onde ele está? Que o diga, aquele que afirma conhecer o segredo da última estadia de meu pai." (Conte Seus Dias, José Corti, 1966). De sua mãe, Ida-Marie, nascida Etter, que era piedosa, ela conservou o afeto e um gosto pronunciado pela leitura da Bíblia. Mas ela se distanciará da sua condição de esposa discreta, dona de casa resolutamente.

Será que ela própria era realmente uma feminista antes do seu tempo? Sua melhor exegeta, Françoise Fornerod, professora de literatura em Dorigny, mais velha que Valérie Cossy (cujo livro ela prefaciou), qualifica a questão. As protagonistas femininas da autora nunca são vitoriosas, mas quase vítimas caricaturais: "Jeanne Bornand, em *La Paix des ruches*, casou-se com um caipira. Christine Grave, a heroína de *Jette ton pain*, sempre se apaixonou por homens casados"...

No seu livro, Valérie Cossy analisa, sob a perspectiva do feminismo na literatura romana, a psicologia da heroína de um conto intitulado "*Uma Marthe*", texto que acaba de reaparecer, entre outros, numa coletânea de bolso. À custa de apagar todos os insultos possíveis, esta Marthe – também nascida na viragem do século XX – desfia um monólogo simplório que denuncia com veemência toda a ignomínia da misoginia ambiente, no alvorecer dos "tempos modernos".